

Um estranho fim de tarde!



Não fosse estar a chover num dia de Primavera, e eu estar fechado em casa a sentir cada gota que se descuida sobre a janela, que mais ninguém interessaria a não ser eu.

Haveria um pouco de tudo para fazer e muito pouco tempo para reflectir sobre o que quer que fosse.

Assim, com a chuva e as janelas fechadas, obrigamo-nos a ver a nós mesmos, a fazer as perguntas mais absurdas, que não são mais do que as razões da nossa existência. Existimos um pouco mais quando chove.

Reconheço agora que tenho irmãos. Oiço-os respirar enquanto dormem, mesmo que seus quartos estejam a milhares de quilómetros, vejo a minha mãe, os seus problemas, as agitações que sofre dia-a-dia, cantarola uma música da rádio, lembro-me que amanhã está combinado almoçar com o pai. Coisas que a chuva "acorda"! A família é, não um aspecto cultural ou sociológico, mas sim uma presença de carne que não se despega da nossa. Vivo com eles, rodeado deles. Será que os sinto mesmo quando não penso? O problema da família é porventura uma expansão do problema que cada um tem com ele mesmo. Se tivéssemos todos o propósito de nos sentarmos num dia de Primavera, chuvoso, defronte de uma janela fechada, veríamos todos os irmãos do mundo, todos os pais, toda a gente, porque fundamentalmente nos víamos a nós próprios.

Como se resolve isto?

Não resolve! Cada um terá de encontrar um estilo de música de que goste, não namorar porque sim, não tirar um curso porque dizem, comer aquilo que lhe dá prazer e bater com isto tudo no fundo do nosso coração até explodir de gozo. Todas as outras coisas são formas de ocupar a cabeça e o tempo.

Já me entristeci por pensar que não me lembrei tanto das pessoas como devia. A tristeza apareceu porque percebi que não me lembrei de mim!

Queria-lhe ver a cara e não me recordava, mas era o meu Pai. Como podia isto ser? Lembrava-me dos ralhetes, mas da cara nada; ficamos com as coisas que mexem, com o calor que sentimos naquele dia ou com o cansaço com que estávamos depois daquelas férias; a cara não é nada, o amor é tudo.

Se nos imaginássemos vistos da Lua perceberíamos o tempo que não consciencializamos com coisas verdadeiramente importantes.

Viva ao amor!

Guilherme

